

### **O HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: relato de experiência de um professor da rede municipal de Ubá-MG**

Rânielly Thallis da Silva  
Ludmilla Carneiro Araújo  
Patrícia da Silva Ribeiro

#### **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho surgiu a partir da vivência de um dos autores deste artigo, homem, docente da Educação Infantil. Desde o ano de 2018, o autor atua como professor nesta etapa de ensino e tem vivenciado muitos momentos em que não se sente plenamente integrado e aceito, e com limitações que restringem as suas ações pertinentes à profissão. Essa rejeição é nitidamente apresentada pelo fato de o professor ser homem.

No Brasil, dos 685 mil docentes que atuam na Educação Infantil, apenas 3,8% são homens, de acordo com o Censo da Educação Básica 2023<sup>1</sup>. Embora a presença masculina na educação infantil tenha crescido nos últimos anos, muitos obstáculos ainda persistem. Zanette e Felipe (2020) destacam um desses obstáculos: o Projeto de Lei nº 1.174 de 2019, proposto na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo pela deputada estadual Janaína Paschoal. Esse projeto determina: “Confere a profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil e traz outras providências.”

Em contraste, nos países africanos e no Japão, a maioria dos professores na Educação Básica é do sexo masculino. Por exemplo, em Moçambique, as mulheres predominam em áreas como exatas, agrimensura, matemática, zootecnia e agronomia, enquanto os homens são mais comuns no magistério. Na Europa, Portugal e Espanha são exemplos de países onde os homens têm uma presença significativa na alfabetização e na Educação Infantil.

É senso comum pensar que isso retrata a questão cultural do Brasil, mas há também um tema delicado, o de gênero, sobre o qual quase ninguém fala. Essa proibição dos homens de lidar com questões referentes ao cuidado na Educação Infantil é algo

---

<sup>1</sup> Disponível em : <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>>

importante a ser problematizado, pois o “cuidar” faz parte desta etapa escolar. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é função da Educação Infantil o cuidar e o educar. “Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo.” (Brasil, 2018, p. 36). Nesse sentido, como é possível que homens atuem na Educação Infantil se lhes é impedida a participação no “cuidar”? Seria o homem um potencial abusador ou incapaz de exercer esse tipo de atividade?

Essa proibição parece colocar os homens sempre sob suspeita de pertencerem a grupos de pedófilos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), pedófilos são adultos que têm preferência sexual por crianças, geralmente pré-púberes ou no início da puberdade – e ainda classifica pedofilia como doença, distúrbio psicológico e desvio sexual (ou parafilia<sup>2</sup>).

Outro fator preponderante, é a desvalorização salarial do profissional que atua na Educação Infantil e o fator histórico que coloca o homem como chefe da casa e responsável pela manutenção da família, e com isso reforça a representação “tradicional” de professora por características ligadas a maternagem e afetos. (Silveira, 2016)

A presença das mulheres na Educação Infantil é perceptível historicamente, de tal forma que o gênero tem sido um dos marcadores fundamentais da condição docente nessa etapa escolar. O gênero aqui é entendido como “a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (Scott, 1995, p. 75). Gênero, para a autora, é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

A partir dos campos teóricos dos estudos de Gênero, e de uma narrativa da experiência de um dos autores, este artigo tem como objetivo problematizar como as relações de gênero e de masculinidades interferem na prática docente do homem na Educação Infantil no contexto brasileiro.

---

<sup>2</sup> Parafilias são meras preferências sexuais que se desviam da norma, enquanto perturbações parafilicas são consideradas uma doença mental, marcada por um grau de descontrolo com marcado impacto na saúde, vida relacional do indivíduo ou risco de dano para terceiros.

Disponível em: <https://www.chleiria.pt/saude/saude-em-toda-a-vida/-/parafilias-e-perturbacoes-parafilicas-96/#:~:text=Parafilias%20s%C3%A3o%20meras%20prefer%C3%Aancias%20sexuais,parte%20dos%20casos%20estas%20fantasias> . Acesso em: 23 mar. 2024

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A presença da mulher na Educação Infantil – histórico

A Educação Infantil é uma etapa da educação básica, predominantemente ocupada por mulheres, tanto no quadro do magistério como nas demais funções atinentes ao ambiente escolar. Esse cenário é reflexo de uma série de fatores, incluindo a formação acadêmica e profissional, onde percebemos que os cursos de formação para docentes são “um espaço hegemônico de formação feminina, reiterado pelos discursos sociais e culturais que associam os cuidados e a educação de crianças às mulheres”. (Castro; Santos, 2016, p.59)

Esse desequilíbrio na distribuição de gênero dentro das instituições de Educação Infantil está principalmente relacionado a estereótipos arraigados na sociedade. As primeiras creches de Educação Infantil surgiram associadas ao cunho assistencialista, para permitir que as mulheres ingressassem no mercado de trabalho e tivessem onde deixar os filhos e filhas para serem cuidadas. Este cuidado, portanto, era responsabilidade exclusiva das mulheres que trabalhavam nessas creches. Os homens, por sua vez, possuíam outros tipos de trabalho, que não eram relacionados ao cuidado.

Hirata e Kergot pontua essa relação histórica na divisão sexual do trabalho:

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (Hirata; Kergoat, 2007, p. 599).

Segundo Louro (2018, p. 449), a educação no Brasil nem sempre foi uma área majoritariamente feminina, como em outras sociedades, o processo educacional teve sua iniciativa realizada por homens, no caso do Brasil, os jesuítas, ordem que atuou entre 1549 e 1759, em nosso país.

Só após as reformas realizadas pela coroa portuguesa, no período pombalino, que as mulheres conquistaram espaço nas salas de aula, e o magistério público surgiu como mercado de trabalho para elas.

As mulheres são inseridas no conceito da esfera reprodutiva e os homens na esfera produtiva, e no mesmo contexto a Educação Infantil leva a ideia que educar e cuidar é papel da mulher, pois se relaciona a noção de maternidade e cuidado, e isso considera comum a grande maioria de mulheres na profissão de educadoras e, os homens serem desvalorizados e até mesmo sofrer preconceitos na atuação da profissão. (Cavalcante; Marques, 2018, p.3).

Esses momentos históricos são essenciais para entendermos que as relações históricas influenciam as formas como a sociedade caminha até os dias de hoje. De acordo com dados extraídos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Brasil. Inep, 2009), no cômputo geral, a maioria dos professores em regência de classe são mulheres. A pesquisa revela também que esse perfil vai se alterando à medida que avançam as etapas de ensino, ou seja, a presença feminina no ensino infantil e anos iniciais do ensino fundamental é predominante, enquanto no Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio tem o crescimento gradual da participação masculina.

## 2.2 Relações de Gênero e docência

Historicamente, a passagem da hegemonia masculina para a feminina na docência relaciona-se a aspectos econômicos, culturais e sociais. Entretanto, a educação infantil e os anos iniciais seguem trajetória diferente dos demais níveis de ensino, pois desde o surgimento são entendidos como espaço do feminino. (Piazzetta, 2010)

A Educação Infantil, como foi dito, surgiu com um cunho assistencialista e higienista, configurando-se inicialmente como direito das mães trabalhadoras, onde seus filhos ficavam sob a supervisão das cuidadoras para que as mães ficassem disponíveis ao mercado de trabalho. Dessa forma, as instituições deveriam propiciar cuidados semelhantes aos maternos, como alimentar, dar banho e colocar para dormir, para que fosse suprida a falta delas. (Souza, 2010).

A partir do século XIX, a feminilização<sup>3</sup> de todas as etapas educacionais começam a ocorrer devido às condições de trabalho precárias, baixos salários e a estratificação

---

<sup>3</sup> refere-se ao aumento do peso relativo do sexo feminino na composição de uma profissão ou ocupação; sua mensuração e análise realizam-se por meio de dados estatísticos e um significado qualitativo que denominaremos feminização que alude às transformações de significado e valor social de uma profissão ou ocupação, originadas a partir da feminilização ou aumento quantitativo e vinculadas à concepção de gênero predominante em uma época. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4054571#:~:text=refere%2Dse%20ao%20aumento%20do,de%20uma%20profiss%C3%A3o%20ou%20ocupa%C3%A7%C3%A3o%2C>>. Acesso em: 01 abr. 2024

sexual da carreira docente. Outro fator preponderante, é o fato de os homens serem vistos como moralmente inadequados para educar as meninas (Cunha, 2012)

Essas restrições impostas aos homens-professores nas escolas, enquanto espaço social, perpetuam preconceitos e colocam os docentes sempre sob suspeita, com questionamentos e tentativas de segregação decorrentes de noções hegemônicas de masculinidade.

Em contrapartida, a relação entre homens-professores e os alunos da Educação Infantil dentro e fora da sala de aula promovem uma quebra de paradigmas, aliando o cuidar e educar e a figura do professor para muitos tem a representatividade da presença paterna.

Skelton (2002) explica que, desde a década de 1980, uma série de estudos mostrou que o aumento da quantidade de professores homens nas escolas primárias seria um meio de se derrubarem barreiras sexuais: ao demonstrar o exemplo de homens trabalhando com crianças pequenas, se estaria tentando erradicar ideias de que esse seria um trabalho para mulheres; além do que, professores homens desempenhariam papel de modelos de comportamento aos meninos, demonstrando formas alternativas de expressão de masculinidade, em substituição aos comportamentos machistas em voga na época.

Ter homens trabalhando na Educação Infantil traz inúmeros ganhos educacionais, incluindo o combate ao machismo. Pois como abordamos, os cuidados com crianças tendem a ser delegados às mulheres, reforçando a ideia de que os homens não precisam assumir essa responsabilidade. Muitas famílias ainda acreditam que atividades como alimentação e troca de fraldas não são papéis dos pais. No entanto, a presença de homens como professores na Educação Infantil desafia essas crenças.

Quando um homem dá banho, troca fraldas, brinca de boneca, expressa sentimentos e ouve as crianças, ele ensina pelo exemplo que não existem atividades exclusivas de meninos ou meninas. Ele mostra que tanto homens quanto mulheres podem e devem assumir os mesmos papéis e responsabilidades. Ignorar uma situação de preconceito pode parecer uma postura neutra, mas deixar de agir é tão prejudicial quanto reforçar a atitude preconceituosa. Ao nos calarmos, negamos a oportunidade de combater o preconceito.

Essa é uma discussão ampla e contínua, e não se esgota aqui. É essencial que todos nós incentivemos essa conversa dentro das escolas, o que ajudará no combate ao machismo, e a segregação decorrentes de noções hegemônicas de masculinidade.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Cena 1: “homem não pode trocar fralda”

Um dos momentos vividos ocorreu em 2018, enquanto o autor ainda era estagiário, quando foi atuar no período de férias da escola em que estagiava em uma creche pertencente à mesma rede de ensino. O incômodo da diretora era perceptível, e ela foi muito clara, o autor desempenharia a função de regente de turma e recreador, em hipótese alguma deveria trocar fraldas ou dar banho.

Para colaborar com esta discussão, a fim de problematizar, recorreremos ao artigo 1º do Projeto de Lei nº 1.174 de 2019, criado pela deputada estadual Janaína Paschoal que diz “Na Educação Infantil, os cuidados íntimos com as crianças, com destaque para banhos, trocas de fraldas e roupas, bem como, auxílio para usar o banheiro, serão realizados exclusivamente por profissionais do sexo feminino”.

Essa ideologia estereotipada e discursos como os empregados pela deputada estadual Janaina Paschoal, ganham força e influenciam nas práticas do homem-professor dentro das escolas de Educação Infantil. Essa perspectiva generalizada, coloca o professor homem sempre no lugar de dúvida, de suspeita.

Diante das noções de masculinidade hegemônica e das concepções de infância que permeiam o imaginário social, a presença conjunta do homem e da criança em um mesmo espaço social, como na educação infantil, gera questionamentos e tentativas de segregação entre esses dois sujeitos históricos. O estranhamento não se limita à presença do homem na função de professor ou à sua escolha profissional, mas também se estende aos procedimentos adotados em momentos de cuidados corporais. A tentativa de segregação, originada pelo olhar inquiridor, manifesta-se na forma de direcionamento específico durante os cuidados íntimos.

A princípio, pode parecer apenas uma forma de se resguardar, mas essas percepções e pré-conceitos em relação ao papel do homem na Educação Infantil são influenciados por uma história cultural e social que moldou determinadas ideias e expectativas ao longo do tempo. A preocupação existente quando se trata da relação corpo da criança/corpo do homem adulto, presente em momentos de cuidados corporais é uma das tentativas de segregação sofridas por homens docentes na educação infantil.

Nessa perspectiva, reforça-se o feminino como cuidadora das crianças pequenas, lugar que pouco tem se modificado ao longo do tempo, mesmo com a transformação

desses ambientes em “espaço de cuidado e da educação indissociáveis”. (WADA, 2003, p.62 *apud* Piazzetta, 2000, p.2).

### 3.2 Cena 2: o receio da descoberta da família

Certo dia, na escola, o autor ouviu da diretora e da supervisora que tinham certo receio da reação dos pais ao descobrirem que seus filhos teriam um professor homem, visto que o bairro onde a escola está inserida tem em sua maioria pessoas religiosas e conservadoras. E mais uma vez a insegurança, e a sensação de não pertencer àquele ambiente se fez presente.

A partir dessa cena, podemos refletir sobre as várias funções nas quais a presença de homens seria supostamente aceita na escola: pai, monitor, diretor, mas raramente como professor. Cruz (1998) também analisou essa realidade ao discutir a presença de homens na creche, observando que os poucos homens presentes na educação infantil frequentemente ocupam funções diversas, como zelador e guarda, mas raramente a de professor. Esse estranhamento e os possíveis questionamentos da comunidade escolar religiosa e conservadora refletem concepções de masculinidade que afastam os homens da capacidade de cuidar de crianças, uma atribuição tradicionalmente associada ao feminino. A escolha profissional dos homens que optam pela docência na educação infantil é vista como uma transgressão à norma instituída.

A presença de homens na docência na educação infantil, apesar de limitada, causa uma ruptura com as noções de masculinidade predominantes na comunidade e desafia as expectativas sobre o perfil do docente. Connell (2005) aborda o conceito de masculinidade hegemônica, destacando que essa masculinidade não possui características fixas e universais, mas ocupa uma posição hegemônica em um determinado modelo de relações de gênero, sempre em disputa. Embora a masculinidade hegemônica varie de acordo com o tempo e o lugar, os questionamentos da comunidade escolar refletem uma noção de masculinidade hegemônica comum em muitos países ocidentais. Essa masculinidade é uma construção social e relacional, definida em contraste com a feminilidade e marcada por práticas normativas que determinam a forma mais honrada de ser homem, subordinando ideologicamente mulheres e outros homens (Carrigan; Connell; Lee, 1985; Connell, 2005; Connell; Messerschmidt, 2013).

Nesse contexto, a escola atua não apenas como um local onde a trajetória profissional dos homens professores é questionada, mas também como um espaço de conformação de identidades ao longo da escolarização. Preocupada em disciplinar e normalizar os indivíduos, a escola historicamente negou seu interesse na sexualidade, enquanto a regulava. Nas sociedades urbanas, as instituições escolares se tornaram instâncias privilegiadas para a formação de identidades de gênero e sexuais, estabelecendo padrões claros, regulamentos e legislação para separar, ordenar e normalizar todos os indivíduos. Durante muitos anos, mesmo afirmando que a educação da sexualidade dos alunos era responsabilidade da família, as escolas se ocuparam cotidianamente da vigilância da sexualidade dos meninos e meninas (Louro, 2000).

No seu cotidiano, a escola vem atuando de forma homogeneizadora e normalizadora, associando o discurso sobre a sexualidade à heteronormatividade como padrão e produzindo diferenciações na socialização de meninos e meninas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas análises das cenas narradas pelo professor, que também é o autor deste trabalho, ficou evidente que, além dos desafios intrínsecos à docência na educação infantil, os professores homens enfrentam dificuldades relacionadas a noções hegemônicas de masculinidade, as quais se mostram incompatíveis com o trabalho pedagógico nessa etapa da escolarização. As questões presentes nas cenas revelam o quanto são polarizadas as noções de feminino/masculino em nossa sociedade, destacando a necessidade de uma perspectiva relacional para compreender as relações de gênero na profissão docente.

No mesmo sentido proposto por Simone de Beauvoir (1980), assim como a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher, o homem, no decorrer de suas relações sociais e culturais, também se torna determinado homem, com características, preferências e formas de expressão próprias, que podem ou não condizer com as noções de masculinidade hegemônicas em sua comunidade. A presença masculina na docência na educação infantil, inicialmente vista como incompatível, estranha e um problema a ser solucionado, proporcionou uma ruptura, ainda que restrita, com a noção de masculinidade hegemônica nessa comunidade.

A educação infantil é um campo de atuação possível tanto para homens quanto para mulheres, e no seu cotidiano podem emergir outras noções de masculinidade que incluam o cuidar e o educar. A escolha pela carreira docente dedicada às crianças deve ser vista como uma possibilidade legítima para os sujeitos do sexo masculino.

### REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro: com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2024.

CARRIGAN, Tim; CONNELL, Bob; LEE, John. **Toward a new sociology of masculinity**. *Theory and Society*, n. 14, p. 551-604, 1985.

CASTRO, Roney Polato de; DOS SANTOS, Vinícius Rangel. Relações de gênero na Pedagogia: concepções de estudantes homens. **Educação em perspectiva**, v. 7, n. 1, 2016.

CRUZ, Elizabete Franco. “Quem leva o nenê e a bolsa?”: o masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, B. (Org.). **Homens e masculinidades**: outras palavras. São Paulo: Ecos, Editora 34, 1998. p. 235-255.

CAVALCANTE, Adriana Vieira; MARQUES, Gisela de Moura Bluma. A PRESENÇA FEMININA E A AUSÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma dicotomia cristalizada. **JORNADA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM/ENCONTRO DO PROFEDUC E PROFLETRAS/JORNADA DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL**, v. 1, n. 1, 2018.

CONNELL, Robert William. **Masculinities**. 2. ed. California: University of California Press, 2005.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica**: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21 (1), p. 241-282, jan./abr. 2013.

CUNHA, Amélia Teresinha Brum da. Sobre a carreira docente, a feminização do magistério e a docência masculina na construção do gênero e da sexualidade infantil. In: ANPEDSUL, 9, 2012, Caxias do Sul. **Apresentações e Autores do IX Anpedsul**. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2974/824>>. Acesso em: 01 mai. 2024

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 443-481.

OPINIÃO - A QUESTÃO DA PEDOFILIA. **Assembleia legislativa de São Paulo**, 19 abr. 2010. Disponível em: < <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=300052> >. Acesso em: 23 de março de 2024.

PIAZZETTA, Tamara; GONÇALVES, IFRS–Câmpus Bento. O masculino na docência na educação infantil e anos iniciais. **Anais do Seminário**, 2000. Disponível em: <[https://www.2015.sbece.com.br/resources/anais/3/1429638221\\_ARQUIVO\\_SBECE-OMasculinonaDocenciadaEducacaoInfantileAnosIniciais-Tamara.pdf](https://www.2015.sbece.com.br/resources/anais/3/1429638221_ARQUIVO_SBECE-OMasculinonaDocenciadaEducacaoInfantileAnosIniciais-Tamara.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PROJETO DEFINE CRIME DE PEDOFILIA NO CÓDIGO PENAL. **Agência Câmara de Notícias**, 19 jan. 2021. Direito e Justiça. Disponível em: < <https://www.camara.leg.br/noticias/721950-projeto-define-crime-de-pedofilia-no-codigo-penal/#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de%20Sa%C3%BAde,ou%20no%20in%C3%ADcio%20da%20puberdade> >. Acesso em: 23 de março de 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 20, 2, p.71-99

SILVEIRA, Rosana M. Hessel da. Professoras pelo avesso: gênero, sexualidade e paixão em narrativas contemporâneas. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org). **O magistério na política cultural**, Canoas, 1. ed. v.1, p. 211-234, ULBRA, 2006.

SKELTON, C. **The ‘feminisation of schooling’ or ‘re-masculinising’ primary education?** International Studies in Sociology of Education, v. 12, n. 1, p. 77-96, 2002.

SOUZA, Mara Isis de. **Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2010.

ZANETTE, Jaime Eduardo; FELIPE, Jane Felipe. O homem-professor na Educação Infantil e a produção da profissionalidade. **Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 558-579, jul./dez., 2020.